



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E
ETNOLOGIA E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOLUME XI

DA SOCIEDADE E DO CENTRO

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

PORTO

Sede da Soc. e do Centro: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA—Faculdade de Ciências

Construções circulares no litoral português

Contribuição para o estudo das construções circulares do noroeste da Península Ibérica

O problema das construções circulares no noroeste da Península Ibérica, que dividiu as opiniões dos investigadores em duas facções distintas; os que defendem a tese céltica e a pré-céltica, está longe de ser resolvido, pela falta de elementos de juízo suficientes, que só pequenos trabalhos minuciosos e cuidadosos das várias ciências, que têm estes estudos por objecto, podem fornecer.

As recentes escavações e investigações de Garcia y Bellido (1), principalmente no castro de Coaña, nas Astúrias, vieram de novo agitar o já antigo problema, mostrando que a zona das construções circulares da antiguidade coincidem com a região da Península ocupada pelos celtas, sobretudo pela tribo dos Sefes, que, segundo Bosch-Gimpera (2), eram celtas, como os estudos das lendas ofiliátricas, feitos por Quevillas y Bouza Brey (3) vieram confirmar.

Contudo, os argumentos de Mendes Corrêa (4) e Richthofen (5) não foram até hoje rebatidos, pelo que prevalecem ainda as duas teses: céltica e pré-céltica, até total revisão do problema, depois de novas contribuições fornecidas pela investigação. Num trabalho que em breve devemos publicar no *Seminário de Estudos Galegos*, faremos um estudo geral do problema das construções circulares na pré-história e na actualidade, defendendo uma tese nova, que nos parece virá mostrar o caminho capaz de

(1) Antonio Garcia y Bellido — « Archivo Español de Arqueología », n.ºs 42, 44, 48 (1942).

(2) P. Bosch-Gimpera — *Los Celtas en Portugal y sus caminos, Homenagem a Martins Sarmiento*.

(3) Quevillas y Bouza Brey — *Os Destrinimios, os Saefes y a ofiliatria en Galiza*, « Arquivos », II, 1929, pág. 164.

(4) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924 e *A Lusitânia Pré-romana*, in *História de Portugal*, «Portucalense Editora, L.da», Barcelos, 1928.

(5) Bolko Fhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren Kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*. Homenagem a Martins Sarmiento. Guimarães, 1933, fls. 332-341 e

Bolko Fhr. von Richthofen — *Zum Stand der Arbeiten über neuzeitliche Kleinbauten vorgeschichtlich — mittelmeerländischer Art und die Urheimat der Hamiten*. *Praehistorische Zeitschrift*, xxiii (1932), (45-69).

conciliar as duas teses opostas, conduzindo a uma solução do problema.

Por agora, limitamo-nos a comunicar o achado de novas construções circulares no litoral do norte de Portugal, entre Fão e Apúlia.

Este achado é deveras interessante, porque mostra que ao contrário do que supunha Krüger ⁽¹⁾, que relacionava estreitamente este tipo de construções à pastorícia ou à agricultura arcaica, sobrevivente nas regiões montanhosas do noroeste peninsular, ele também se encontra no litoral, muito mais sujeito à acção niveladora de influências estranhas.

Prova isto, que este tipo de construções, deve estar profundamente arreigado em certas populações, do noroeste da Península, como tendência ancestral inconsciente.

Confirma esta opinião a conversa que tive com alguns rapazes sargaceiros, que encontrei a descansar à volta das «barracas» das Pedrinhas.

Quando lhes perguntei porque razão construíam aquelas barracas de paredes arredondadas, ficaram um pouco embaraçados, e depois procuraram dar uma explicação lógica (tendência geral da gente do povo quando interrogada sobre os seus usos e costumes tradicionais), dizendo que com as paredes assim, a areia impelida pelo vento não se amontoava junto às casas.

Como lhes observasse, que perto havia barracas rectangulares e que a areia também se não amontoava mais que naquelas, acabou um por dizer: — «Isto é cá uma moda da gente».

Esta *moda da gente* é que temos de explicar como tendência ancestral inconsciente. Constrói-se assim, por que já os antepassados assim construíram...

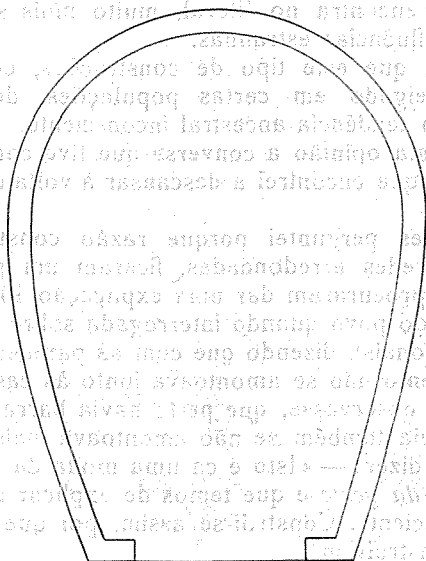
São três os grupos de edifícios em que aparecem as construções circulares, entre a margem esquerda do Cávado e a Apúlia.

O primeiro grupo é mesmo na praia de Fão, em que já só havia 3 barracas circulares, entre várias rectangulares, no verão de 1945, mas em breve devem desaparecer com os trabalhos de urbanização daquela. Outro grupo mais para o sul é em Pedrinhas, onde predominam as barracas arredondadas, e o terceiro em Cedovém onde também há várias. Junto a construções recentes do mesmo tipo, vêem-se ruínas de outras iguais. É interessantíssimo notar, que a capela de Nossa Senhora da Bonança, que

(1) Fritz Krüger — *Las Brañas — Ein Beiträge zur Geschichte der Rundbauten in Asturisch-Galicisch-Portugiesischen Raum*, Porto, 1940.

fica nos pinhais do litoral entre Fão e Pedrinhas, é construída exactamente da mesma maneira.

Estas barracas servem para guardar barcos e aprestos de apanha de sargaço (argaço) dos lavradores de Fão, Fonte Boa, Gândara e Parede, que costumam ir ao mar, periodicamente, buscar este excelente alimento para os seus campos. Devemos aqui acrescentar, que esta gente da terra, que só vai ao mar acidentalmente, costuma marcar com siglas todos os aprestos, barcos e roupas



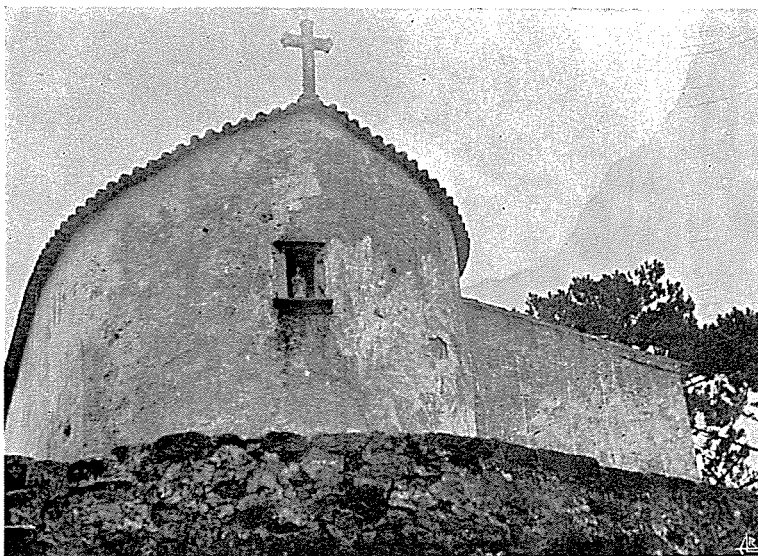
Planta duma barraca de Cedovém

que usam no mar, exactamente como certa gente do mar, em particular os poveiros. Como estes últimos, também gravam as suas siglas na porta da capela aonde vão cumprir promessas, que fazem no mar, em ocasiões de perigo. A porta da capela de Nossa Senhora da Bonança, está cheia destes brazões de família. Seria interessante estudar em profundidade a vida desta gente, pois é natural, que nos fornecesse elementos etnográficos de grande interesse.

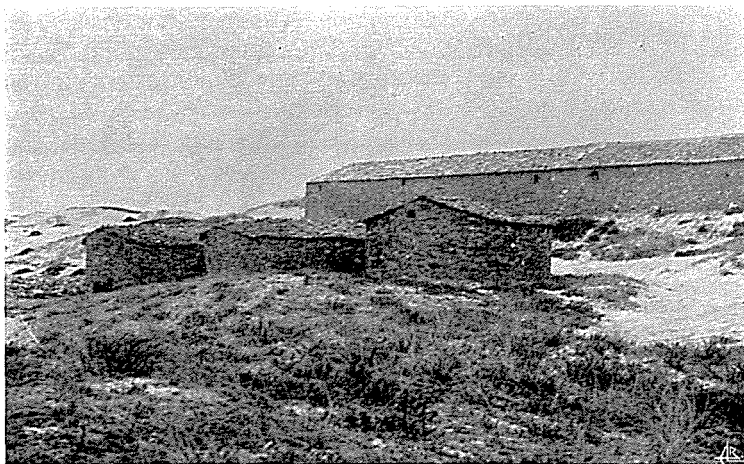
As barracas do litoral são todas do mesmo tipo; construídas de xisto talhado em pequenos blocos irregulares, mas bem assentes, formando uma superfície lisa sem rebôco. A forma é a dum



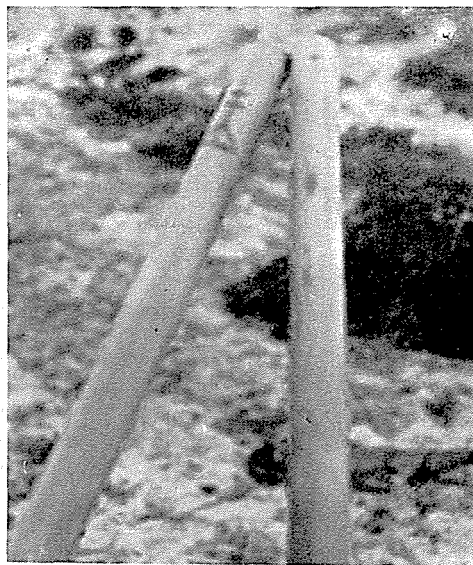
Parte posterior de duas barracas das Pedrinhas



A capela de Nossa Senhora da Bonança, com a sua curiosa forma arredondada como as «barracas»



Um grupo de três «barracas»



As siglas dos sargaceiros usadas nos utensílios de trabalho

oval cortado por uma face plana num dos topos, ou seja a parede onde está a porta. A altura das paredes dos lados regula entre 1^m,80 a 2^m, indo na parte de trás até aos 2^m,50, pois como se pode ver pelas fotografias e planta juntas, a trave, em que assenta a armação do telhado, apoia-se nos dois topos das paredes, no sentido longitudinal. Desta trave partem barrotes para as paredes laterais, em que se colocam tábuas, que servem de suporte às telhas. É, portanto, um telhado de duas águas, de pouca inclinação e arredondado na parte de trás. A cobertura usada é a telha nacional, ou caleira sobre as quais costumam pôr pedras, para melhor resistirem às tremendas ventanias do litoral.

São estas as únicas construções circulares que conhecemos na nossa costa nortenha, pois todos os edifícios redondos ou arredondados, de que há notícia, e ainda hoje utilizados pelo homem, pertencem, como muito bem disse Krüger (1), às regiões montanhosas do noroeste, de difícil acesso, e em que predomina a economia pastoril. Destes últimos, encontramos nós algumas em várias regiões de Trás-os-Montes, que não vimos ainda registadas, e de que daremos notícia próximamente.

Todas as comunicações sobre este género de construções e das culturas que lhe andem ligadas, são de capital importância, para se avaliar a extensão e vitalidade do fenómeno, contribuindo assim, com novos elementos que ajudem à cabal solução do problema.

JORGE DIAS.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

Eis excertos dos relatórios apresentados ao Instituto para a Alta Cultura sobre a actividade deste Centro, nos anos de 1945 e 1946:

Em 1945

Venho expor a V. Ex.^a sumariamente, em conformidade com o determinado pelo ofício do Ex.^{mo} Secretário desse Instituto, de 27 do mês passado, o labor do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular desde a sua criação até esta data e quais os projectos e necessidades do mesmo Centro no próximo ano.

(1) Krüger — *L. cit.*